

José Capela e a Igreja Católica

Eric Morier-Genoud*

pp. 167-175

José Capela (pseudónimo de José Soares Martins) é muito conhecido como historiador da escravatura, das sociedades pré-coloniais e do movimento operário em Moçambique e em Portugal. Menos conhecido é o seu percurso religioso e sua pesquisa sobre a Igreja Católica em Moçambique. No entanto, estas duas facetas são tão importantes e interessantes como os seus estudos históricos mais conhecidos. Um olhar sobre o percurso religioso de José Capela e sua pesquisa sobre a Igreja Católica deverá ajudar-nos a entender a sua personalidade e sua perspetiva socio-histórica. Nesta ordem de ideias, apresentarei dois elementos no presente artigo, Capela, o padre, e Capela e a história da Igreja Católica, em duas secções sucessivas, antes duma conclusão onde tentarei sublinhar alguns traços da personalidade e da visão de “Zé Capela”.

Antes disto, talvez valha a pena relatar como conheci José Capela. O meu encontro com o professor foi, primeiro, indireta e obviamente, por via das publicações dele. A seguir, encontrei-o pessoalmente em 1990, quando iniciei uma pesquisa sobre a Igreja Católica e a diocese da Beira em Moçambique, cujo bispo foi durante muitos anos Dom Sebastião Soares de Resende. Procurando o diário do bispo, fui informado de que José Capela era seu sobrinho e que não só ele tinha o arquivo do tio como também tinha sido padre na Beira antes da independência. Por isso, entrei em contacto com o professor em 2000, para falar do arquivo do tio e da experiência dele. Entrevistei-o e ele facultou-me o acesso ao diário do tio que estava depositado num colégio de Ermesinde, dirigido pelo seu irmão, o padre Sebastião Braz. Só voltei a ver José Capela uma vez mais, em 2014, aquando duma conferência na Universidade do Porto. Ele procurou-me e encorajou-me a publicar o diário de Dom Sebastião.

Capela, o Padre

José Soares Martins nasceu em 1932. O pai era comerciante e lavrador; a mãe era irmã de Dom Sebastião Soares de Resende, o primeiro bispo da diocese de Beira, Moçambique. Dom Sebastião foi para a Beira nos fins de 1943, quando Capela tinha 13 anos. O bispo guardou contacto com a família, visitando-a sempre que ia a Portugal e, sem dúvida, foi uma influência para José Capela ingressar no seminário com seu irmão. No seminário, ele interessou-se pelos trabalhos missionários e por África, lendo romances e trabalhos etnológicos. Ele próprio o recorda e menciona nas suas memórias:

Na biblioteca do seminário, a que tinha acesso privilegiado e que frequentava em satisfação de brotoejado etnológica, li a partida para a Guiné de quem se propunha estudar as línguas locais. Engenheiro de profissão, deixara tudo em troca do diletantismo magnífico. Então, mais do que os brasileiros, eram os africanistas que surgiam de férias, despertando curiosidades novas e excitando imaginações jovens (Capela, 2017: 54).

* Queen's University Belfast. e.morier-genoud@qub.ac.uk

José Capela graduou-se em teologia no Seminário do Porto em 1954. Logo a seguir, o tio convidou-o a ir trabalhar na sua diocese, em Moçambique, convite que Capela aceitou “com um sim decidido” (Capela, 2017: 54).¹ Chegou à Beira a 5 de Março de 1955 – naquele dia, o tio escreveu no seu diário:

*Chegou o P. José Martins. Veio de avião e aqui vinha com o Manuel Resende e o José Resende, seus primos. Parece-me muito magro e pálido. Não sei se é normal aquilo, se não é normal. Tem muita lábia, facilidade de conversa e revela cultura geral bastante boa. O moleque Francisco disse-me: Padre novo tem cabelo, cabeça, cara e olhos como sr. Bispo!!! Que melhor! O outro pequenito Eduardo perguntou-me se ele era meu irmão. Respondi que era sobrinho.*²

Desde 1940, graças à Concordata e ao Acordo Missionário, o Estado e a Igreja Católica eram aliados próximos nas colónias e o Estado apoiava o trabalho da Igreja com abundantes fundos, terras e outros privilégios. Bispo muito dinâmico, Dom Sebastião usava estes apoios para criar inúmeras novas missões, paróquias, igrejas, escolas e hospitais, que muito se esforçou por dotar de pessoal religioso. Viajava bastante para o estrangeiro na procura de missionários dispostos a trabalhar em Moçambique já que Portugal não tinha religiosos em número suficiente para a tarefa missionária nas colónias (Morier-Genoud, no prelo, ch. 1). Em 1955, quando Capela chegou a Moçambique, era tempo de “alto colonialismo”. O Estado tinha planos de um maior desenvolvimento e os movimentos nacionalistas africanos estavam ainda por nascer (Pereira, 2012). Se o desenvolvimento colonial se fazia com apoio do Estado, fazia-se também, senão sobretudo, graças ao trabalho forçado e à produção forçada dos Africanos (Zamparoni, 2004; Isaacman, 1996). Dom Sebastião era um bispo moderno e adepto da doutrina social da Igreja e, por isso, tal situação incomodava-o. Há numerosas condenações da situação social na Beira no diário do Bispo. Em 1950, ele denunciou pela primeira vez *publicamente*, na sua pastoral anual intitulada *Ordem Anti-Comunista*, o trabalho forçado e a produção forçada do algodão. Isto criou a primeira crise entre a Igreja e o Estado na Beira, tendo o Estado proibido a circulação da pastoral. Ainda assim, em privado o governador tentou obter do bispo o nome dos empresários do algodão que quebravam a lei para os perseguir.

Chegado à Beira, José Capela trabalhou como padre diocesano e no jornal da diocese, o famoso *Diário de Moçambique* (fundado em 1950), onde, pouco depois, iniciou uma nova página de “Arte e Letras”. Em 1956, face às dificuldades de recrutar jornalistas, Capela foi convidado a integrar a redação do jornal a tempo inteiro e, em 1959, depois de meses fora do jornal, foi promovido a diretor-adjunto, portanto, diretor executivo do diário, uma vez que o Bispo, formalmente o diretor, não o dirigia (Capela, 2017: 71-72). O *Diário de Moçambique* era uma obra importante para Dom Sebastião, na qual ele investiu muito dinheiro e energia. Para ele, era um meio não tanto para evangelizar os africanos, mas para “reconquistar” os portugueses na colónia. O jornal foi desenhado para não parecer um diário religioso, a fim de melhor chegar e convencer os colonos crentes praticantes e não-praticantes, assim como os não-crentes. Sendo um jornal da Igreja, tinha uma linha editorial independente e com alguma distância face ao governo colonial (Rocha, 2000: 169-170).³

Como diretor do *Diário de Moçambique*, Capela conseguiu dar um novo ímpeto ao jornal. Depois da modernização dos meios de comunicação e de produção, ele lançou-se na expansão da atividade jornalística, tomando conta, em 1960, do jornal *Voz Zambeziana* (até então

¹ Ver também entrevista telefónica com o José Capela, Porto, 1 de Outubro de 2000 e entrevista presencial, Porto, 20 de Outubro de 2000.

² Diário do Bispo da Beira (agora depositado na Biblioteca Central da Faculdade de Letras, Universidade do Porto), Março de 1955.

³ Ilídio Rocha engana-se sobre a data de lançamento do jornal que é Dezembro de 1950 e não Dezembro de 1951.

editado pela diocese de Quelimane), relançando, em 1962, o *Voz Africana* (jornal do Centro Africano de Manica e Sofala) e iniciando, em 1963, uma nova revista chamada *Economia de Moçambique* (Capela, 1989; Rocha, 2000: 169-170). Sobre o *Voz Africana*, que passou de jornal mensal para mestiços a um jornal bimensal para os Africanos, Capela explicou o seguinte num artigo histórico-biográfico:

Na redação do Diário de Moçambique tínhamos chegado a conclusão da impossibilidade de fazer deste [o Diário de Moçambique] um jornal africano. O atraso da escolarização junto dos indígenas, nomeadamente na zona de maior influência do diário, os interesses altamente diferenciados de europeus para africanos, a viver, cada [uma] das raças, numa separação que atingia todos os níveis, a censura prévia à imprensa eram alguns dos motivos que nos levavam a tal convicção [da necessidade de lançar um jornal só para africanos] (Capela, 1971: 7-8).

Capela e a diocese escolheram escrever e publicar o jornal *Voz Africana* em português, a língua oficial da província, o que limitou a sua circulação. Apesar disso, o jornal teve bastante sucesso. Capela conta que o sucesso era tanto que: “As cartas [dos leitores] choviam sobre a redação em número tal que, publicando-se embora duas páginas de formato ‘tabloid’, em cada número, nem com esse espaço se conseguia satisfazer totalmente a solicitação dos correspondentes”. Não era a *Voz Africana* o primeiro jornal africano em Moçambique (outros existiram antes, alguns escritos em línguas africanas), mas foi talvez o jornal mais dinâmico e “interactivo” do país, com muito espaço dedicado a cartas dos leitores – Ilídio Rocha diz que o seu sucesso se baseou “na publicação das cartas que passou a receber dos seus leitores e que refletiam os mais importantes aspetos da sua vida” (Rocha, 2000: 191).

A linha independente e às vezes crítica do *Diário de Moçambique* levou a vários conflitos entre a diocese e o Estado Colonial. A partir de 1958 e duma primeira crise com as autoridades devida a uma reportagem crítica sobre cheias, o jornal passou a ser cada vez mais censurado. Seria suspenso três vezes por não ter submetido artigos à censura ou por ter publicado uma informação incómoda para o regime (Lima, 1990). Estes conflitos e suspensões aconteceram em parte por causa do contexto, já que a situação política nacional e imperial estava tensa e o governo era cada vez mais sensível às diferenças de opinião. Em qualquer dos casos, o resultado foi uma crescente distanciação nos anos 1960 entre Estado e Igreja. Do lado católico, a perspectiva duma descolonização punha em jogo o futuro da Igreja, que não se queria afundar com o colonialismo. Capela levantou o assunto da independência de Moçambique no jornal já em 1959 (Capela, 2017: 74-75). O bispo levou mais três anos antes de apostar na independência de Moçambique, três anos durante os quais ele se aproximou do luso-tropicalismo (Morier-Genoud, 2001; Castelo, 1998). Do lado do Estado, o governo começou a duvidar da eficiência da Igreja Católica para ajudar a manter a hegemonia colonial. Por isso, por um lado, começou a diminuir o seu apoio à Igreja (em particular em relação à educação, tendo o Estado iniciado um ensino secundário oficial) e, por outro lado, começou a cooptar certas igrejas protestantes e sectores muçulmanos até então considerados indesejáveis (Cahen, 2000).

Se o início da luta armada de libertação da Frelimo em 1964 agudizou ainda mais as relações entre Estado e Igreja, também dividiu internamente a Igreja, em especial na Beira. As divisões teológicas, sociais e políticas opunham muitos padres e irmãs, maioritariamente estrangeiros, a padres e irmãs portugueses (mas não só). O bispo da Beira guardava equidistância entre as fações, tendo com único critério que os religiosos trabalhassem para o bem da Igreja. Com a morte de Dom Sebastião Soares de Resende, por doença no início do ano de 1967, este equilíbrio perdeu-se e as tensões transformaram-se em conflito aberto. Os setores conservadores da igreja e a polícia política (PIDE) aproveitaram-se da oportuni-

dade da morte do Bispo para fazer uma “limpeza” dentro da Igreja. No centro do país, eles retiraram a responsabilidade do seminário de Zobué aos Padres Brancos e entregaram-na aos Jesuítas, considerados mais leais a Portugal. Eles também expulsaram e perseguiram vários padres progressistas. Mais, a escolha do Vaticano para novo bispo da Beira dum padre liberal foi recusada por Salazar que usou, pela primeira vez, o seu direito de veto (previsto na Concordata). Em consequência, um bispo muito conservador sucedeu a Dom Sebastião na Beira, com consequências negativas para os missionários progressistas e para a estabilidade da diocese (Morier-Genoud, no prelo).

José Capela fazia parte dum pequeno grupo de clero secular português da diocese da Beira, que trabalhava com o Bispo que, sendo liberal ou progressista e aliado ao clero estrangeiro da mesma linha, se revelava cada vez mais crítico do colonialismo e da Igreja concordatária. Capela afirma que ele tinha sido inspirado por correntes do catolicismo francês, especificamente pelo *Personalismo* de Emmanuel Mounier, e por católicos franceses que tomavam posição contra a guerra da Argélia (Capela, 2010: 165; Coq, 2012). Capela teve um papel ativo nas lutas do clero a favor da descolonização e da reforma da Igreja moçambicana. Além da sua ação no *Diário de Moçambique*, escreveu em 1961 (sob anonimato) no *Témoignage Chrétien* um artigo no qual denunciava a ditadura salazarista e o colonialismo português. Nos fins de 1967, assinou uma carta dos “Padres da Beira” (redigida por um padre português) dirigida aos bispos da Conferência Episcopal de Moçambique, em que pedia plena aplicação das decisões do Concílio Vaticano II, uma alteração de posicionamento sociopolítico da hierarquia católica e mudanças em relação ao ensino no país. Ademais, Capela entregou o documento à imprensa internacional para maior difusão fora de Moçambique. Assim, a carta e a causa ganharam visibilidade internacional, mas foi a publicação da carta no próprio *Diário de Moçambique* que veio a criar mais problemas, porquanto o governo português suspendeu o jornal mais uma vez (por 30 dias), suspensão que pôs o jornal a beira da falência. Ora, esta quase-falência levou o novo Bispo da Beira a achar impossível continuar a obra e a decidir vendê-lo um ano depois a interesses... salazaristas (Capela, 2017: 85-96; Sousa, 2015: 351).

Face à crise do *Diário de Moçambique*, à crise da Igreja e da política moçambicana, a seguir ao falecimento do bispo, e tio, em 1968, José Capela decidiu sair de Moçambique. Viajou para o Brasil, onde ficou três meses, visitando o país do sul ao norte. Lá encontrou intelectuais e políticos progressistas (sem o anticlericalismo português, notou ele nas suas memórias), assim como religiosos adeptos da teologia da libertação (entre os quais Dom Helder Câmara) (Capela, 2017: 117-118).⁴ O país era fascinante, explicou em entrevista, mas não era terra dele, uma terra onde podia fazer trabalho político-social.⁵ Por isso regressou a Portugal. Aqui ponderou voltar a Moçambique, mas o novo bispo da Beira não o queria e estava disposto a tudo para ele não regressar. Ao mesmo tempo, surgiu nova oportunidade com o regresso a Portugal do Bispo António Ferreira Gomes, exilado por Salazar. O bispo propôs a Capela fazerem em conjunto um novo jornal católico no Porto, o que Capela aceitou. Seria a *Voz Portucalense* (Capela, 2017: 117-118).

De 1968 até 1974, Capela dirigiu para a diocese do Porto a editora Telos, encarregue da *Voz Portucalense* e duma livraria. Relançou a editora Afrontamento, integrou a cooperativa cultural Confrontos, iniciou um movimento cooperativista e colaborou com o Conselho Mundial da Paz. Capela descreveu-se a si mesmo como “apartidário” (pois era ainda padre), mas as suas inclinações e ações colocavam-no no mundo social e politicamente progressista e anti-colonialista. Por isso, a PIDE interrogou-o e mandou fechar a cooperativa Confrontos,

⁴ José Capela, entrevista 1 de Outubro de 2000 e 20 de Outubro de 2000.

⁵ Ibid.

de que era diretor. Mas nunca o prendeu nem o molestou fisicamente. Capela afirmou: “Do meu palmarés não consta a vitimização pela Pide” (Capela, 2017: 120). Foi durante este período que o padre Capela começou a sua pesquisa histórica sobre a escravatura, tendo publicado os seus primeiros livros, uns documentais e militantes, outros mais académicos (Capela, 2017: 117-121 e 127).

Capela e a história da Igreja Católica em Moçambique

José Capela é muito conhecido como historiador do século XVIII e XIX, tendo escrito (como já dissemos) livros e artigos sobre a escravatura, a história pré-colonial, a história da resistência à conquista portuguesa e, ainda, a história do movimento operário em Moçambique. Bem menos conhecidos são os seus trabalhos e comentários sobre a história da Igreja católica no país. São pouco numerosos e poucos conhecidos, mas são muito importantes por causa da qualidade deles e da perspectiva do autor. Primeiro, por Capela ser um grande historiador que, neste domínio, detinha um conhecimento interno e experiencial da Igreja. Segundo, pela sua perspetiva crítica, em particular face a uma certa historiografia pós-colonial, tanto religiosa como política.

O primeiro livro de José Capela foi o cruzamento do trabalho dele como padre e do trabalho inicial dele como historiador académico. Em 1971, após o seu regresso a Portugal, deu à estampa *Moçambique pelo seu povo: cartas à Voz Africana*, que juntava uma seleção das cartas enviadas ao jornal *Voz Africana*. Em 1973, Capela publicou *O Vinho para os pretos* e, em 1974, um terceiro livro (o primeiro sobre a escravatura) intitulado *Escravatura. A empresa de saque: o abolicionismo, 1810-1875*. Neste livro, Capela discute no prefácio situações de quase-escravatura (os “contratos”) existentes antes da independência em Moçambique. Sobre elas, cita extensivamente o diário do Bispo da Beira que denunciava vivamente estas situações (desde a sua chegada) (Capela, 1974). O paralelismo era interessante e ilustrativo, mas não só, pois não era necessária esta digressão sobre o Bispo para a demonstração da quase-escravatura. Daí, fica a impressão que Capela quis fazer saber que o Bispo da Beira tinha desde sempre denunciado a injustiça social em Moçambique. Sendo o livro publicado no período de transição para a independência em Moçambique, é muito provável que Capela quisesse deixar claro que a Igreja não tinha toda comungado com o colonialismo como muitos diziam na altura.

A seguir, Capela não escreveu livros nem artigos apenas sobre a Igreja. Escreveu, sim, em 1989 um pequeno artigo sobre o *Diário de Moçambique* para um número especial sobre a Beira da revista *Arquivo* (revista do Arquivo Histórico de Moçambique). O artigo era analítico e biográfico, falando da história do jornal e da experiência dele como diretor-adjunto. Em 1991, ele escreveu uma secção do seu livro *Donas, Senhores e Escravos* na Zambézia sobre a Igreja Católica no vale do Zambeze. Escreveu sobre os Dominicanos e os Jesuítas, isto é, sobre a história destes missionários, desde a chegada a Moçambique nos fins do século XVI até a primeira república anticlerical do século XX. A leitura era crítica, nuançada e complexa. Se, por um lado, documentou que historicamente os padres se comportaram como prazeiros, com tantos escravos quanto outros donos de prazos, ele não esqueceu os lados mais “positivos” da acção missionária. Como disse no livro, não lhe interessava nem a hagiografia nem a condenação sem *nuance*, pois que estas duas posições eram problemáticas. Explicou ele:

A historiografia missionária esta prejudicada a um ponto que diria irremediável, sujeita como tem sido à apologética, quando é vista do lado de dentro, e deturpada pelos preconceitos do anticlericalismo e outros que não perdoam a presença do ideal puro e porventura ingénuo portas adentro dos sistemas engendrados para a exploração, uma encarada do lado de fora (Capela, 1995: 160-161).

Mais, como historiador exigente, Capela não queria só entender a história da Igreja com *nuanças* e num contexto histórico adequado. Ele queria também estudar as dinâmicas sociais, ideias e políticas além da religião. Logo, estava interessado nos missionários, neste caso na medida em que deram um contributo à “formação do *status* e do *ethos* zambezi-anos” (Capela, 1995: 161).

A crítica de Capela à historiografia sobre Moçambique recaiu sobre a história da igreja durante o primeiro e o segundo império português, assim como durante o terceiro império e o período pós-colonial. Num artigo sobre historiografia moçambicana (num livro sobre os dezasseis anos de historiografia em Moçambique, publicado em 1991), ele atacou o “apriorismo ideológico” (o “tomar posição aprioristicamente”) (Capela, 1991), que considerava um problema muito sério entre os historiadores de Moçambique. Escreveu sobre três casos que achava ser particularmente claros. O primeiro era o da historiografia sobre a sociedade tradicional, da qual, segundo ele, não se podia falar em Moçambique. O segundo era o da leitura nacionalista retro-activa da história, onde se lia tudo à luz do nacionalismo africano, mesmo antes de Moçambique existir. O terceiro caso de apriorismo relacionava-se com a Igreja Católica. Sobre este último assunto ele escreveu:

Não é verdade que a Igreja Católica, em Moçambique, se tenha mancomunado perinde ac cadaver [como um cadáver] com o colonialismo vigente, tal como se tem feito crer. Terá sido, até, dentro da Igreja que se terão verificado as primeiras atitudes contestárias do sistema colonial. As primeiras a partir de dentro de instituições de alguma maneira integradas no mesmo sistema. Sendo história contemporânea, trata-se de uma atitude especialmente grave porque suscetível de fixar para o futuro pontos de vista tidos como definitivos uma vez que debitados a testemunhas próximas dos factos.

Este caso é paradigmático relativamente ao fenómeno tão repudiado de se partir do apriorismo dicotómico que perfila bons de um lado e maus do outro em satisfação a uma dialética caseira. De facto, nem sempre os agora supostos maus estiveram ao lado do colonialismo nem os tidos como bons se mantiveram na trincheira do progresso. Esse tipo de dualismo tem sido uma armadilha para plúmitivos que se pretendem iluminados, se dispensam da investigação e avançam com interpretações de acontecimentos que nada têm a ver com a realidade mas que satisfazem todos os requisitos de uma lógica idealizada (Capela, 1991: 75).

Esta crítica de Capela era a de um historiador rigoroso que tinha um conhecimento interno e íntimo da Igreja, que, como padre na Beira, tinha vivido alguns dos acontecimentos aos quais se referia e que tinha trabalhado a favor a descolonização de Moçambique. Podemos perguntar se tal crítica terá resultado de alguma decepção da sua parte. Não tanto pessoal, penso, pois Capela continuou com boas relações em Moçambique após a independência e viveu lá mais anos como adido cultural da embaixada portuguesa. Tal crítica talvez derivasse duma decepção intelectual. É que a religião foi muito atacada após a independência em Moçambique (em particular, no período anticlerical que durou até 1981) e o papel da Igreja Católica (ou dalguns sectores da Igreja) a favor da independência nunca foi bem reconhecido – tudo isso com base em visões históricas que iam contra “os factos” (Morier-Genoud, 1998). Decepção, ou não, o facto é que continuamos hoje com uma visão dominante da história da religião em Moçambique que opõe boas igrejas e más igrejas, numa “dialética caseira”, com base em “interpretações de acontecimentos que nada têm a ver com a realidade”, o que permanece um desafio para os historiadores.

Vale a pena ainda referir duas notas em relação a José Capela e à história da Igreja Católica em Moçambique. Primeira, ele criticou tanto os historiadores de fora da Igreja como os de dentro da Igreja – a primeira citação criticava, pois, a história apologética (a hagiografia)

dos membros da Igreja. Ora esta crítica não foi somente retórica e sem *praxis*: na década de 1990 Capela avançou com uma proposta de criação de um centro de estudos de história da Igreja Católica em Moçambique. Esta proposta foi feita aquando da criação da Universidade Católica de Moçambique (aberta em 1996) quando a Igreja pediu o apoio do Professor Capela. A proposta era para criar um centro de estudos onde poderiam reunir-se diferentes arquivos da Igreja e onde se faria uma história *académica*, rigorosa, da Igreja. Infelizmente, a ideia não encontrou interesse suficiente para a concretização do projeto e a história académica continua quase sem tratar da Igreja Católica, ao passo que a história escrita pela Igreja continua a ser predominantemente apologética.⁶

Segunda nota, vale a pena recordar que a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) foi sondada em 1997 para atribuir a José Capela um doutoramento *honoris causa* antes de ele regressar a Portugal no fim do seu mandato como adido cultural da embaixada portuguesa. A proposta parece ter tido o apoio do governo português, mas a proposta não resultou. Seria o primeiro doutoramento *honoris causa* da UEM. José Pimentel Teixeira (que sucedeu a Capela como adido cultural da embaixada) avança que a recusa foi provavelmente por “razões políticas” – principalmente por Capela ser português (Teixeira, 2014). Talvez o facto de ter sido um antigo padre e crítico do nacionalismo e do regime vigente também não tenha ajudado. Em contrapartida, era um historiador muito respeitado em Moçambique, tendo muito bons laços nos meios académicos e políticos moçambicanos. Felizmente, e independentemente da razão exata da recusa (parece ter sido uma recusa por ausência de resposta), outras propostas surgiram. A Universidade Politécnica de Moçambique e Universidade do Porto decidiram conferir-lhe tal reconhecimento *honoris causa* nos anos 2010, embora, por causa do seu estado de saúde, não se tenha conseguido fazer o ato formal antes de ele morrer em 2014 (Teixeira, 2014).

Conclusão

Estas notas sobre José Capela (padre e historiador da Igreja Católica) revelam facetas pouco conhecidas do grande historiador da escravatura, das sociedades pré-coloniais e do sindicalismo em Portugal e em Moçambique. Antes de ser historiador, Capela, um padre formado no Porto, integrou o clero da diocese da Beira durante treze anos. Aí fez parte dum núcleo influente, progressista e ativista, de padres portugueses que queria modernizar a igreja e que trabalhou a favor da descolonização e da independência de Moçambique. Capela regressou a Portugal, via Brasil, em 1968, a seguir à morte de Dom Sebastião, seu tio, substituído por um bispo muito conservador. Em Portugal associou-se a Dom António Ferreira Gomes, regressado do exílio, e juntos lançaram um novo jornal católico progressista, entre outras atividades. Neste mesmo período começou a escrever história académica, uma parte da qual tratou da história da Igreja Católica. Nesta história, ele adotou uma linha rigorosa, crítica e independente, na qual recusou tanto a hagiografia em prol da Igreja quanto a hagiografia em prol dum nacionalismo africano militante. Este posicionamento levou-o a escrever linhas originais e das mais esclarecedoras sobre o assunto.

A linha teológica e ideológica de José Capela inspirou-se inicialmente no personalismo de Emmanuel Mounier e do clero francês engajado na luta contra a guerra da Argélia. Sua estada e suas actividades em Moçambique reforçaram estas opções (através da *praxis*) e, por isso, foi ainda mais radical e ativo após o seu regresso a Portugal. Ele virou então um ativista não só contra o colonialismo e a guerra colonial, mas contra o capitalismo e a favor

⁶ Entrevista telefónica, Porto, 1 de Outubro de 2000. Para uma história hagiográfica da Igreja, ver por exemplo Sousa & Correia, 1998.

do cooperativismo – tudo numa linha pacifista e católica. Quando passou ao outro lado do papel e virou historiador profissional, a sua escolha de temas foi, logicamente, sobre a escravatura, o sindicalismo e as sociedades pré-coloniais em Moçambique e em Portugal – e um pouco sobre a Igreja Católica. Metodologicamente, tentou manter uma linha crítica, longe da hagiografia, fosse ela católica ou nacionalista. Pretendia, pois, evitar o que ele achava serem os grandes pecados da historiografia existente, a saber, o apriorismo ideológico e o apriorismo dicotómico que “perfila bons de um lado e maus do outro em satisfação a uma dialética caseira”. A visão social e política do Capela, as suas escolhas temáticas e o seu posicionamento metodológico levaram-no a contribuir de maneira singular e muito importante para a historiografia de Moçambique, de África e da Igreja Católica. Bem-haja José Soares Martins!

Referências bibliográficas

- Cahen, Michel (2000), “L’État Nouveau et la diversification religieuse au Mozambique, 1930-1974. II. La portugalisation désespérée (1959-1974)”, *Cahiers d’études africaines*, n.º 159, pp. 551-592.
- Capela, José (2017), *O Sopro do Vento Sul no Silvo das Locomotivas da Linha do Norte*, Porto: Edições Afrontamento.
- (2010), *Moçambique pela sua história*, Riberão: Humus.
- (1995), *Donas, Senhores e Escravos*, Porto: Afrontamento.
- (1991), “O apriorismo ideológico na historiografia de Moçambique”. In Alexandrino José & Paula Maria G. Meneses (eds.), *Moçambique – 16 anos de historiografia: focos, problemas, metodologias, desafios para a década de 90. Artigos e depoimentos resultantes do primeiro painel de historiografia realizado em Maputo de 31 de Julho a 3 de Agosto*, Maputo: Notícias (coleção Painel Moçambicano), pp. 73-78.
- (1989), “Para a história do ‘Diário de Moçambique’”, *Arquivo. Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, n.º 6, pp. 177-180.
- (1974), *Escravatura. Conceitos. A Empresa de Saque*, Porto: Afrontamento.
- (org.), (1971), *Moçambique pelo seu povo: cartas à voz africana*, Porto: Afrontamento.
- Castelo, Cláudia (1998), ‘O modo português de estar no mundo’. *O Luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto: Afrontamento.
- Coq, Guy (2012), *Mounier: O compromisso político*, Lisboa: Gradiva.
- Isaacman, Allen F. (org.), (1996), *Cotton is the Mother of Poverty: Peasants, Work and Rural Struggle in Colonial Mozambique, 1938-61*, London: James Currey.
- Lima, A. Carlos (1990), *Caso do Bispo da Beira. Documentos*, Porto: Civilização.
- Morier-Genoud, Eric (no prelo), *Catholic Complexity. Religious Institutes, Hierarchy and Politics in Central Mozambique, 1940-1980*.
- (2001), “O Episcopado e o Estado Novo. O caso de Dom Sebastião Soares de Resende”, artigo não publicado, 2001, 10p. (apresentado no Seminário de História Religiosa Contemporânea do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica de Lisboa, 17 de Março de 2001).
- (1998), “Y-a-t-il une spécificité protestante au Mozambique? Discours du pouvoir postcolonial et histoire des églises chrétiennes”, *Lusotopie 1998* (Karthala, Paris: 1998), pp. 407-420.
- Pereira, Victor (2012), “A economia do império e os planos de fomento”. In Miguel Bandeira Jerónimo (dir.), *O império colonial em questão (secs XIX-XX). Poderes, saberes e instituições*, Lisboa: Edições 70, pp. 261-295.

- Rocha, Ilídio (2000), *A Imprensa de Moçambique, História e Catálogo (1854-1975)*, Lisboa: edição Livros do Brasil.
- Sousa, José Augusto Alves de (2015), *Memórias de um Jesuíta Missionário em Moçambique. 1960-2004. Quarenta e quatro anos de compromisso na Igreja e na sociedade moçambicana. Uma nova face da missão*, Braga: Editorial A.O.
- Sousa, José Augusto Alves de e Correia, Francisco da Cruz (1998), *500 anos de evangelização em Moçambique*, Maputo: Paulinas.
- Teixeira, José Pimentel (2014), “José Soares Martins, José Capela”, *Notícias* (Maputo), suplemento cultural, 24 Setembro.
- Zamparoni, Valdemir (2004), “Da escravatura ao trabalho forçado: teorias e práticas”, *Africana Studia*, n.º 7, pp. 299-325.